

PEQUENA BIOGRAFIA DE OLAVO CABRAL RAMOS FILHO

Olavo Cabral Ramos Filho nasceu no Rio de Janeiro em 3 de março de 1938. Seu pai, nascido em Belém, vinha de numerosa família cearense migrada para o Pará nos tempos da borracha e, com a crise advinda da 1ª Grande Guerra, novamente migrada para o Rio de Janeiro em 1915. Sobreviveu à pandemia de Gripe Espanhola de 1918, estudou no Colégio Pedro II e colocou-se no Comércio. A mãe, Gláucia, é paulista de São José do Rio Pardo, filha de mineiros lá chegados no final do século XIX. Seu pai era farmacêutico, chefe político do Partido Republicano Paulista, figura querida na cidade. Na Revolução de 1932, Gláucia engajou-se como enfermeira e alguns dos seus irmãos seguiram para as trincheiras na defesa de São Paulo. Gláucia, que já havia perdido a mãe em 1931, perde seu pai em 1933, além de três irmãos por tuberculose. Vem para o Rio em 1935 e, no ano seguinte, conheceu Olavo. Casaram-se em 1937. Gláucia, ao contrário da maioria das mulheres daqueles tempos, trabalhava também fora de casa; aposentou-se na Caixa Econômica Federal, onde permaneceu por mais de 35 anos.

Olavo filho teve uma infância feliz na idílica Ipanema dos tempos da 2ª Grande Guerra, junto à avó cearense Clara, dos seus gatos e da babá Maria Brasileira, que trazia franguinhos da longínqua Itambi para a criança magra e difícil de comer. Do tio-avô Renato, adquiriu o gosto pela leitura, pelas óperas e pela cultura inglesa. Ainda na infância, mostrou a verve de engenheiro, provocando explosões e curtos-circuitos na casa da Avenida Epiplácio Pessoa 708.

Estudou no conceituado Colégio Mello e Souza, em Copacabana, onde a família foi morar no início dos anos 1950. Em 1953 nasceu seu irmão temporão, Roberto Luís, que usualmente apresentava como seu irmão mais velho.

Aluno brilhante, conquistou com alguns colegas prêmio de monografia sobre História do Brasil cujo prêmio foi uma viagem a Bahia, onde foram recebidos pelo governador.

Passou com facilidade no exame de admissão da Faculdade Nacional de Engenharia da Universidade do Brasil, onde ingressou em 1956 e se formou em 1960.

No início dos anos 1960, viajou para a Inglaterra, onde permaneceu por alguns meses estagiando em Manchester. A partir daí a Inglaterra entrou definitivamente no seu sangue, permanecendo um apaixonado pelo país até seus últimos dias.

Seu estágio era previsto para um período de dois anos. Mas já havia conhecido Margarida Maria, e com pouco mais de seis meses voltou apaixonado. Casaram-se em maio de 1963. O primeiro filho, nascido em novembro de 1964, ganhou o nome do adorado tio-avô, Renato, falecido pouco tempo antes.

Depois de trabalhar na Light da Rua São José por algum tempo, foi admitido em Furnas Centrais Elétricas em 1965, onde vai construir toda a sua carreira de engenheiro. Nesse ano, transferiu-se com a família para os EUA, onde por um ano realizou cursos de aprimoramento na *General Electric*. Em junho de 1966, com a família já de volta ao Rio de Janeiro, nasceu Maria Clara.

No final dos anos 1960, com o endurecimento do regime militar e o AI-5, deixa para trás o "udenismo" e o apoio ao golpe de 1964. Muitas leituras, especialmente a dos livros de Bertrand Russell, aproximaram-no de um socialismo de matriz libertária que influenciará sua trajetória política até o fim.

Desde meados dessa década, tornou-se professor da UFRJ, lecionando por mais de três décadas na Escola Politécnica, contribuindo na formação de milhares de novos engenheiros.

Em sua querida Furnas, alcançou o cargo de superintendente de engenharia de transmissão, que desempenhou por muitos anos, sempre preocupado com o desenvolvimento de tecnologias nacionais e a valorização do quadro técnico da empresa.

No final dos anos 1980, na primeira eleição direta após a ditadura, envolveu-se na construção do programa de energia do PT. Com a derrota, a situação na empresa tornou-se insustentável, obrigando-o a se aposentar precocemente.

A partir daí sua permanente luta em defesa da engenharia nacional, da nossa soberania e da democracia foi travada a partir do Clube de Engenharia e, também, do Ilumina - Instituto de Desenvolvimento Estratégico do Setor Energético, do qual foi diretor.

Em 1994 ganhou suas duas netas, Valentina e Helena, a quem influenciou decisivamente no gosto pelas Artes e com quem teve uma linda convivência, que se tornou ainda mais importante após a morte de sua amada Margarida, em julho de 2015.

A ausência de sua companheira de mais de meio século o abateu profundamente, mas não o removeu da luta, travada cotidianamente.

Olavo deixou-nos no dia 29 de dezembro passado. Morreu lúcido e ativo em sua amada casa de Nogueira.